A PRESENÇA NA GEOGRAFIA DE JOSUÉ DE CASTRO
JOSUÉ DE CASTRO'S PRESENCE IN GEOGRAPHY
LA PRESENCIA DE JOSUÉ DE CASTRO EL LA GEOGRAFÍA

Rui Ribeiro de CAMPOS

Graduado em Geografia, Mestre em Educação e Doutor em Geografia pela UNESP - Rio Claro. Professor de Epistemologia da Geografia, Pensamento Geográfico Brasileiro e Geografia Política no curso de Geografia da PUC-Campinas (São Paulo – Brasil). Endereço eletrônico: ruicampos@puc-campinas.edu.br.

Resumo

Este artigo trata da citação ou não das obras de Josué de Castro nas publicações referentes à Geografia, principalmente no Brasil, durante o século XX. Discute-se se ele pode ser considerado geógrafo ou não, seu ponto de vista sobre a Geografia, sua proposta de divisão regional e a visão da Geografia oficial do período. Procurou-se ainda verificar a presença do autor em livros didáticos, em revistas especializadas e em alguns livros. No final, levanta algumas hipóteses que ajudam a entender o seu *esquecimento* pela Geografia.

Palavras-chave: Josué de Castro – Geografia Brasileira – Livros didáticos – Divisão Regional.

Abstract

This article concerns the presence mention or not of Josué de Castro's works in the Geography publications, mainly in Brazil, during the 20th century. Discusses if he can or can't be considered a geographer, his point of view about Geography, his proposal for regional division and the official Geography view of the period. It intended also to verify the presence of the author in didactic books, specializes magazines and some books. At the end, raises some hypotheses that help to understand his oblivion by Geography.

Key Words: Josué de Castro – Brazilian Geography - Didactic books – Regional division

Resumen

Este artículo trata de la mención o no de las obras de Josué de Castro en las publicaciones de Geografía, principalmente en Brasil, durante el siglo XX. Discute si él puede ser considerado un geógrafo o no, su punto de vista acerca de la Geografía, su proposición de división regional y la visión de la geografía oficial del periodo. Se buscó aún verificar la presencia del autor en libros didácticos, en revistas especializadas y algunos libros. Por fin, hace una sugerencia de hipótesis que ayudan a comprender su olvido por la Geografía.

Palabras clave: Josué de Castro – Geografía Brasilera – Libros didácticos – División regional.

Introdução

> "[...] *na ciência, o objeto de investigação não é a Natureza em si mesma, mas a Natureza submetida à interrogação dos homens.*" (Heisenberg)

Josué Apolônio de Castro (1908-1973) teve, durante a sua vida, pouca atenção da Geografia oficial brasileira às suas obras, apesar de sua marca em estudos populacionais e na questão relativa à fome. Este texto procura demonstrar aspectos que

foram discutidos em uma tese[1] sobre ele, um indivíduo que não possuía uma maneira de pensar exclusiva e seu pensamento social se inseria em uma categoria mais ampla. Foi um trabalho de preservação da memória de um cientista brasileiro que fez uso da ciência geográfica, que a utilizou para pensar e propor sobre um problema que até hoje nos aflige: a fome. O que se pretende tratar aqui é da relação da Geografia brasileira com sua obra e verificar a presença deste autor em livros didáticos, em revistas especializadas, em alguns livros e também algumas hipóteses que ajudam a entender o seu *esquecimento* pela Geografia.

A geografia brasileira, até a década de 1970, além do "*acentuado grau de dependência do exterior*", possuía também um "*acentuado caráter acrítico*." (MONTEIRO, 1980, p. 41). Segundo este autor, a receptividade da obra de Josué de Castro no exterior foi em razão do tratamento que soube dar aos problemas específicos do Terceiro Mundo. Mas, se obteve projeção internacional por *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*, estas obras "[...] *não despertaram entusiasmo em nossa comunidad*e". (Ibidem, p. 41) Apesar da redescoberta deste autor estimulada, existiam poucos trabalhos de pós-graduação em Geografia sobre ele[2]. Estudioso do fenômeno da fome, combatente do determinismo fisiográfico e das idéias malthusianas e neomalthusianas, elaborador de uma teoria demográfica, era de se esperar u'a maior presença nos livros relativos a estes temas, inclusive nos didáticos.

Análise do Tema

Foram investigados alguns **livros didáticos** de Geografia do Brasil para o ensino médio. Imaginava-se que, com a marcante atuação das correntes que integravam a chamada Geografia Crítica, ele estaria mais presente, notadamente nos capítulos relativos à fome e à questão demográfica, pois chegou, embora por caminhos oficialmente *não-geográficos*, próximo a concepções presentes, na década de 1980, em discursos dos geógrafos mais comprometidos com as mudanças sociais. O que se constatou foi que, salvo citações bibliográficas ou referências esporádicas, ele permaneceu ausente.

---

[1] Este artigo é uma pequena parte da tese: CAMPOS, Rui Ribeiro de. **A dimensão populacional na obra de Josué de Castro.** 2004. 430 f: il., gráfs., mapas. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. Foi orientada pelo prof. Dr. Odeibler Santo GUIDUGLI. O trecho aqui presente é uma parte do quinto capítulo.

[2] No estado de São Paulo, até o ano de 2.000, somente encontramos o trabalho de SILVA (1998), uma tese de doutorado em Ciências Sociais. Na UNESP (Rio Claro), somente uma monografia de conclusão de Estágio de Especialização no setor de Desenvolvimento Rural, de MARCHI (1998).

Em Adas (1985) não constava da bibliografia e nem era citado no capítulo *Fome versus crescimento demográfico*; já na edição de 1998, havia três livros na bibliografia e referências ao autor no capítulo sobre a fome. Em alguns, apesar de capítulos sobre crescimento populacional, era, às vezes, citado na bibliografia, mas ausente no texto, como em Vesentini (2000) e Moreira (1998), ou ausente na bibliografia com uma breve citação no texto (MAGNOLI, 1996). Em outros, não era citado na bibliografia e nem no texto (COELHO, 1996; MAGNOLI, 1997; PEREIRA, 1994; SENE, 1998). O livro sobre o Brasil, escrito por Santos e Silveira (2001), continha apenas uma referência à sua obra[3]. Até livros não didáticos que possuíam como tema básico a população ou a fome, ignoravam, muitas vezes, o autor em questão.

Ilustravam esta última situação os livros de Damiani (1998) e Lima Sobrinho (1981); o primeiro sobre população e geografia e, o segundo, a respeito da fome no Brasil. Em um livro sobre problemas geográficos do século XX, leu-se com mais atenção os capítulos intitulados *A explosão demográfica* e *A fome*, para verificar a presença do autor em questão. Em um texto superficial e favorável ao controle demográfico – sob a aparência de colocar os dois lados –, no item relativo aos aspectos econômicos da alta taxa de natalidade, colocou o seguinte:

> Enquanto Josué de Castro defende a 'argumentação biológica' – em estado de penúria alimentar as famílias são mais prolíferas, como fator de compensação fisiológica –, Yves Lacoste inclina-se por uma 'tese social', mostrando que em um país pobre a criança é fonte de despesa para o Estado, mas uma oportunidade de lucro para a família. (ANTUNES, 1986, p. 50)

Foi a única referência a ele. O responsável pelo texto, citou, na pequena bibliografia, *Geografia da fome*, mas este assunto foi abordado, sob o prisma citado, em *Geopolítica da fome*; Yves Lacoste não foi citado na bibliografia do capítulo. No texto, afirmou que o crescimento anual da população da Terra era de pouco mais de 2% a.a. e que isto era assustador, "[...] *uma vez que os números crescem em termos de uma progressão geométrica*." (ANTUNES, 1986, p. 46) Também escreveu: "*Alta natalidade e subdesenvolvimento econômico* ***sempre andaram junto****s.* [...]" (Ibidem, p. 49; grifo nosso) e que o Brasil era "[...] *um país em equilíbrio populacional onde as mulheres correspondem a 50,2% da população*." (Ibidem, p. 55) No capítulo referente à fome, no qual houve pouco destaque à colonização, ao modelo econômico internacional e ao latifúndio, citou um trecho de *O livro negro da fome* (CASTRO, 1960) em que apontava algumas mudanças necessárias para solucionar esta questão no Brasil e citava alguns números referentes à situação alimentar.

---

[3] Na página 32, e refere-se à 2ª parte de Ensaios de Geografia Humana: "*Um ensaio de geografia urbana: a cidade de*

Algumas frases do livro escrito em 1977 provocariam frontais discordâncias de Josué de Castro. Entre elas: "*A fome quantitativa é assustadora, mas, relativamente rara no mundo contemporâneo*." (ANTUNES, 1986, p. 103) "*Torna-se evidente que o problema da fome qualitativa está intimamente associado à explosão demográfica*." (Ibidem, p. 104) Sobre as causas da fome: "*Outra* ***razão tecnológica*** *está apoiada no 'descompasso entre o ritmo de crescimento populacional e o ritmo de crescimento alimentar:* [...]" (Ibidem, p. 108; grifo nosso). "*O homem distribui-se irregularmente pela superfície da Terra e a maior parte das terras que poderiam ser cultivadas não o são plenamente, pois estão superpovoadas*." (Ibidem, p. 110) "*No entanto, a fome não deve servir como indicação ou 'sinônimo' de subdesenvolvimento econômico*." (Ibidem, p. 113) Afirmou ainda que os países subdesenvolvidos possuidores de pirâmide demográfica de base muito larga, com um terço ou mais com menos de 12 anos, "*cujas 'necessidades energéticas' são inferiores às do adolescente e do adulto",* possuíam uma situação alimentar *"superior à de países subdesenvolvidos, com pirâmides demográficas mais equilibradas.*" (Ibidem)

Anterior a isto, realizamos um levantamento dos artigos publicados no **Boletim Geográfico** (BG), até porque, entre as publicações do IBGE, foi a única que manteve uma preocupação constante com o professor de Geografia. Pesquisando os duzentos e cinquenta números da revista, no período compreendido entre abril de 1943 e dezembro de 1978, constatou-se que a presença de Josué de Castro na mesma foi pouco significativa. Não há, a rigor, um único artigo elaborado especialmente para o BG. O artigo de maior destaque, *O espírito geográfico da filosofia moderna* (CASTRO, 1951), foi uma transcrição[4]. Seu nome apareceu mais em citações bibliográficas ou em resenhas, embora estivesse ausente de algumas bibliografias importantes para os professores de Geografia. Por exemplo: no BG nº. 215 (março/abril de 1970, p. 93-102) há uma bibliografia sobre Geografia do Brasil e nenhum livro de Josué de Castro foi citado. O mesmo aconteceu no nº. 218 (set/out. de 1970, p. 90-107), que trouxe uma bibliografia sobre Geografia do Brasil – Regionalização. Nos dois casos, a inclusão de *Geografia da Fome* era importante. Talvez o ano de 1970 ajudasse a explicar a omissão, uma vez que ele havia sido cassado pela ditadura militar.

Também não se encontrou registro de sua participação nas conhecidas *Tertúlias Geográficas*, que eram realizadas semanalmente e tinham seus temas e seus

---

Recife".

[4] O artigo foi publicado originariamente na revista *Formação* (n. 156, jul. 1951, Rio de Janeiro – DF).

participantes relatados no BG[5]. Dada a importância desta revista, a quase inexistência de artigos dele pode significar que sua influência na geografia escolar tenha sido pequena, notadamente face à importância do autor no cenário internacional.

Procedeu-se também uma investigação, no período compreendido entre 1939 e 1995, na **Revista Brasileira de Geografia** (RBG), outra publicação do IBGE e, talvez, concorrente do BG. Mas, enquanto este era mais dirigido ao ensino, a RBG estava mais comprometida com o poder federal e voltada para as necessidades do planejamento estatal. Em seu período inicial, ela se valeu da contribuição de estudiosos de outras ciências, com artigos de interesse geográfico, mas "[...] *de caráter nitidamente complementar a um campo de investigação cuja produção própria seria ainda incapaz de sustentar totalmente a revista*." (MONTEIRO, 1980, p.13) Além disto, na era Vargas, grande parte dos textos publicados pelo IBGE não fugia da política de defesa da indústria como fator de solução aos problemas nacionais e do próprio nacionalismo econômico do período. Nos anos JK, a chamada *Geografia Ativa*, do grupo liderado por Pierre George, influenciou um pequeno grupo de geógrafos do IBGE, que se engajou no planejamento *pelo progresso social*. Neste período, o "[...] *número de artigos sobre geografia e planejamento é bem significativo na RGB e a abordagem geográfica associada ao planejamento é especialmente expressiva no Nordeste onde o trabalho dos geógrafos se incorpora à atuação da SUDENE*." (MONTEIRO, 1980, p. 20)

Pesquisando a RGB não se encontrou artigo de ou sobre Josué de Castro. Investigou-se o índice de assuntos do volume 1 (nº 1, 1939) ao volume 57 (nº 3, 1995), em um total de 227 revistas e quase nada se encontrou tratando especificamente da fome, nem mesmo no item *Geografia da População*. Temas caros para o autor em questão, como explosão demográfica, malthusianismo e neomalthusianismo, não foram, praticamente, contemplados. Já sobre *geografia urbana* – análise fatorial, hierarquias, modelos e outros – o rol foi grande. A linha editorial da revista e seu atrelamento ao governo federal ajudavam a explicar a ausência de referências ao autor e aos temas por ele abordados.

Foram verificados os **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros** (AGB), de 1945 a 1962, ou seja, no período anterior à sua cassação política. Foram dezessete assembléias gerais e, pelos anais, ele não participou de nenhuma delas. Isto evidencia sua pouca atuação e/ou presença nos eventos significativos para a comunidade geográfica brasileira. Também se investigou o assunto no **Boletim Paulista de Geografia** (BPG), revista editada pela AGB, seção de São Paulo, desde março de 1949.

---

[5] Embora Orlando Valverde, em depoimento, tenha afirmado que, no Rio de Janeiro, "[...] *numa dessas conferências da AGB foi convidado o Josué de Castro, foi aí que eu o conheci*." (SILVA, 1998, p. 362)

Efetuamos vistas em todos os exemplares até o número 77, de abril de 2001. Não se encontrou artigos dele e nem artigos específicos sobre fome ou explosão demográfica. Encontrou-se, em um exemplar do BPG, um artigo intitulado *A geografia moderna em Pernambuco*, escrito em 1953 (portanto, após a publicação de seus livros mais famosos) e só encontramos duas linhas sobre ele: *"*[...] *e o prof. Josué de Castro editou, em 1948, um ensaio de Geografia Urbana – 'Fatores de Localização da Cidade do Recife'*." (ROCHA, 1954, p. 51). Embora o artigo se dedicasse a publicações referentes ao estado de Pernambuco, a inexistência de qualquer análise do ensaio citado ou a respeito do autor, pode ser um indicativo da não consideração do mesmo como um geógrafo importante.

No BPG, encontramos ainda algumas citações a respeito de Josué de Castro, como ocorreu em artigo de Gomes (1982), que o citou por algumas linhas, mas não o colocou na bibliografia. Em exames, embora restritos demais, em outras publicações, o resultado foi semelhante: não encontramos nenhum artigo dele. Isso ocorreu com os índices da **Revista do IHGB** (do v. I ao XXX) e do **Boletim Carioca de Geografia**, da AGB – seção Rio de Janeiro (de 1948 a 1962).

José Veríssimo da Costa Pereira (1904-1955), em um artigo publicado em 1955 (1994), fez um minucioso levantamento de pessoas que, de uma forma ou de outra, foram importantes para a geografia brasileira. Citou mais de uma centena de nomes mas, entre eles, não figuravam os de Manoel Bomfim (1868-1932) e Josué de Castro. Isto nos leva a crer que Castro pouco fez para se projetar no meio geográfico nacional. Sua preocupação maior com a fome provocou a procura de outras áreas e de outros organismos. Após o curto período de docência na área (de Geografia Humana, na Universidade do Brasil), parece que não se preocupou em participar da Geografia, o que colabora para explicar sua marginalização no período.

A cassação dos seus direitos políticos, em 1964, levou Josué de Castro ao exílio. Passou a viver na França, onde fundou o *Centre Internatíonal pour le Développment* (CID), que pugnava por uma política de alcance mundial na luta contra a fome. Voltou a lecionar Geografia Humana como professor estrangeiro associado ao Centro Universitário Experimental de Vincennes (Universidade de Paris), de 1968 até a sua morte (1973). Por esta razão, achamos relevante pesquisar a importante revista ***Annales de Géographie***. Iniciamos a verificação pelo ano de 1935 (a. 44, n. 247), pois foi a partir deste período que ele começou a publicar com maior intensidade seus trabalhos, inclusive no exterior. Concluímos a investigação no número 530, de julho/agosto de 1986, treze anos após sua morte.

Em todo este período, não foi publicado nenhum artigo dele na referida revista. Foi citado em dois artigos[6] publicados pelo seu amigo Max Sorre. A fome, especificamente, também não foi merecedora de muitos estudos nos exemplares avaliados. Entretanto, na década de 60 e início da seguinte, outro geógrafo brasileiro, Milton de Almeida Santos (1926-2001), teve uma significativa participação, publicando seis artigos, o que demonstrava que a referida publicação não dificultava a publicação por parte de não-europeus, o que poderia ser uma das hipóteses da ausência de artigos.

Na *Association de Géographes Français*, procurou-se na ***Bibliographie Géografique Internationale***; achou-se somente uma citação a respeito da tradução de *Géopolitique de la faim* (item IV, Geografia Humana, p. 201) e, no próximo item, um pequeno texto que lhe fazia referência[7]. Encontrou-se uma dissertação sobre a formação do pensamento geográfico brasileiro que não o incluiu na bibliografia e somente se referiu a ele em um parágrafo (SILVA, 1996, p. 123). Também uma tese que destacou algumas das suas concepções sobre a fome, com o intuito de analisar as mudanças ocorridas em um estado nordestino (SAMPAIO, 1999).

Estes levantamentos levaram a concluir, provisoriamente, que Josué de Castro permaneceu à margem da chamada geografia oficial. Apesar do elevado número de artigos por ele escritos, eles não eram direcionados aos estudantes e profissionais de Geografia. Apesar de, em *Geografia da Fome*, afirmar ter se utilizado do método geográfico e proposto uma nova divisão regional com base nas áreas alimentares, seu livro mais citado nos meios acadêmicos era *Geografia Humana*[8], um texto asséptico, neutro, didático, aparentemente *prisioneiro* das fontes mas, na época, de acordo com o conceito acadêmico de Geografia, no Brasil. Talvez grande parte de sua obra fosse considerada como não-geográfica, para os padrões da época. Seus artigos publicados no exterior também o foram em revistas não ligadas, diretamente, à Geografia.

Outra possibilidade é a de ele não ser realmente um geógrafo, de não ter realizado de fato uma abordagem geográfica da sociedade e dos temas analisados. Outra ainda é de que a sua ausência seja mais um exemplo do uso da *estratégia do silêncio*: o não dizer proposital, para dificultar que certos problemas fossem conhecidos. A classe dominante, muitas vezes, se dá ao trabalho de procurar estabelecer o que – e como –

---

[6] *La géographie de l'alimentation* (a. LXI, n. 325, mai-juin 1952, p. 184-199) e *Deux ouvrages sur le Brésil* (a. LXIV, n. 344, juil./août 1955, p. 300-302). A tradução de sua obra, *Géopolitique de la faim*, foi citada na *Bibliographie Géografique Internationale* (ASSOCIATION, 1956, p. 201).

[7] **Bibliographie Géografique Internationale – 1951 - 1952 - 1953**. Paris: Librairie Armand Colin, 1956. A referência foi colocada com a publicação de Michel Cépède e Maurice Lengelle, intitulada *Économie alimentaire du globe* (Paris: Librarie de Médicis, 1953) e dizia o seguinte: "*Trés importante étude sur les problèmes de l'alimentation des différentes collectivités humaines, qui apporte des compléments utiles aux travaux de J. de Castro*."

[8] Porto Alegre: Livraria Globo, 1939. Nele constava: "*Rigorosamente de acordo com o programa oficial do 3º ano seriado*". Este texto compõe a primeira parte do livro *Ensaios de Geografia Humana* (1957**c**).

deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. O esquecimento imposto, às vezes, diz mais sobre a história do que o insistentemente lembrado. Como, após 1964, esta estratégia foi utilizada por governos militares, a hipótese não deve ser de todo descartada.

Entretanto, considera-se que o autor em questão deve ser considerado um geógrafo, tanto pelo método utilizado em diversas obras quanto pelos temas abordados. Não foi um teórico da Geografia, não avançou do ponto de vista epistemológico, não pode ser considerado criador de alguma *escola geográfica*, mas analisou temas geográficos, se contrapôs à corrente dominante na época e foi útil para uma melhor compreensão do país, analisando e fazendo uso da Geografia para propor soluções. Foi com base em geógrafos que procurou verificar a ação do meio na alimentação, que procurou estabelecer seus estudos a respeito da fome. A explicação de sua ausência nos livros e em trabalhos acadêmicos de Geografia deve ser buscada mais nas características da própria ciência geográfica brasileira do que no autor.

Em entrevista concedida em 1947, ele afirmou que grande parte dos estudos sobre a fome se limitava a aspectos parciais, dando uma visão unilateral do problema. Na busca de uma visão panorâmica, do conjunto, na qual se destacavam "[...] *de maneira compreensiva as ligações, as influências e as conexões dos múltiplos fatores que interferem nas manifestações do fenômeno. Para tal fim lançamos mão do método geográfico no estudo do fenômeno da fome*." (SILVA, 1998, p. 77) Ou seja, a razão básica da opção pelo método geográfico em *Geografia da fome* foi por sua maneira de ver as coisas como um conjunto.

Procurou estabelecer uma maneira geográfica de se estudar a fome e de incluí-la no rol dos temas da ciência. Foi o método geográfico, por ele utilizado, que o permitiu explicar a pouca incidência de verminoses intestinais, do parasitismo, no Sertão do Nordeste (chuvas restritas e irregulares, pouca profundidade – facilitando a evaporação e o tornando mais seco – e elevada temperatura do solo, dificultando a sobrevivência de vermes parasitas) e as altas taxas na Zona da Mata (clima quente, ausência de estação fria, solo arenoso, chuvas regulares). Se as condições naturais favoreciam a disseminação do parasitismo no Nordeste úmido, o estudo da situação social o possibilitou concluir que não era um fatalismo, mas fruto das causas do pauperismo regional; e que a solução dos problemas sociais era o remédio.

Ele se agregou a uma escola (a Regional Francesa) que emprestou sua concepção de ambiente (*milieu*) da ecologia e não era, verdadeiramente, uma ciência social porque era muito mais "*dos lugares e não dos homens*" (LA BLACHE, 1985, p. 47) e considerava estes últimos como edificadores das construções sobre a superfície, como

agentes da modificação do meio. Como propor soluções inovadoras com base em uma escola que carregava uma bagagem conservadora e reacionária e que propunha uma atividade científica neutra? A fome exigia propostas subversivas e elas não se encaixavam em posturas positivistas.

Dividir o estudo da alimentação por regiões, em um país como o Brasil, com uma nação predominante de modo absoluto – as nações indígenas pesam pouco no aspecto quantitativo –, foi uma decisão acertada, pois aqui também a nacionalidade e a identidade cultural não são totalmente coincidentes. Entretanto, a impossibilidade da aceitação, pela Geografia, da repartição do país em áreas alimentares, pôde ser verificada no clássico artigo do engenheiro-geógrafo Fábio de Macedo Soares Guimarães (1906-1979). Nele defendeu a utilização de regiões naturais, que obedecessem "[...] *à disposição determinada pela natureza, de modo que cada uma delas apresente uma certa unidade de conjunto, resultante da correlação entre os diversos fatos geográficos que nela se observem*." (GUIMARÃES, 1941, p. 318) Falava-se em fato geográfico como sinônimo de fato natural ou em região natural ou geográfica, em uma clara demonstração do significado do termo na época. Propôs uma divisão em regiões naturais para fins administrativos com base nas unidades políticas, pois muitas apresentavam problemas administrativos semelhantes. Afirmou ele:

> É clássica, no Brasil, a relativa identidade de problemas que apresentam os Estados nordestinos, sob a imposição da situação climática, problemas esses completamente diferentes dos que ocorrem na Amazônia. [...] ... tais semelhanças e tais contrastes que os problemas apresentam, decorrem dos fatos geográficos, surgindo principalmente por imperativo do meio físico. (GUIMARÃES, 1941, p. 321)

Sua proposta era a de dividir, com base em um conjunto de fenômenos significativos, para se ter u'a melhor idéia do conjunto.

Após definir região natural, estabelecer o método de sua caracterização e analisar diversas propostas de divisão territorial, concluiu que a melhor, "[...] *de acordo com os fatos da Geografia Física, é a que foi proposta pelo Professor Delgado de Carvalho e adotada nos programas do ensino secundário* [...]" (Ibidem, p. 368). O que Josué de Castro propôs não tinha condições de ser adotado, tanto pelo pouco interesse em expor este drama nos livros didáticos, quanto por se opor à concepção dominante e não atender às demandas oficiais. No período predominou a orientação de se dividir o território em regiões naturais, de se utilizar uma única divisão para fins de análise geográfica e fins administrativos e pedagógicos, para facilitar a comparação dos dados estatísticos, inclusive de diferentes épocas. A repartição em regiões naturais era tida como mais estável, duradoura.

> Uma divisão baseada nas 'regiões naturais' tem a grande vantagem da estabilidade, permitindo um melhor estudo da evolução dum país através do tempo, pela comparação dos dados estatísticos referentes a diversas épocas. Uma divisão baseada nas 'regiões humanas', e, em particular, referente aos fatos econômicos, permite um melhor estudo da situação dum país, num dado momento, quando for dada maior importância à comparação no espaço, de umas partes com as outras. (GUIMARÃES, 1941, p. 368/369)

A proposta pelo autor de *Geografia da fome* era fundamental para estudar o problema em questão e o ideal era que a situação que a provocara se transformasse e eliminasse a própria divisão proposta.

Baseada, praticamente, em um único fator (alimentação), a divisão se caracterizaria pela instabilidade se o problema fosse atacado. Foi correta a proposta feita, embora não devesse demarcar a maioria das regiões com base, aproximadamente, nos limites das unidades políticas – o que só não o fez com o Nordeste Açucareiro – pois a finalidade era outra, existiam áreas de transição e áreas, como o Vale do Jequitinhonha mineiro, que não se enquadravam na região nas quais foram colocadas. Utilizar, sem estabelecer os critérios, as regiões naturais para análises sociais ou históricas, era quase que afirmar que a região histórica era semelhante à natural e, se coincidiam, podiam dar margem a interpretações deterministas. Daí ser correta, por exemplo, a divisão por ele feita, no Nordeste, entre a Mata e o Sertão.

Sorre (1952), em artigo, afirmou que deveríamos olhar "*a geografia da alimentação como um capítulo capital da geografia humana*", do mesmo modo que propôs uma geografia das doenças infecciosas. Citando várias vezes o "*médicin et géographe*" e sua obra *Geografia da fome*, disse que o método para estudar um fenômeno tão universal e multiforme era o geográfico. "*Lá onde o estatístico fornece uma proximidade, o geógrafo vai ao coração da realidade*." (SORRE, 1952, p. 195) A fome, além de um fenômeno ecológico – "*a manifestação de um desequilíbrio entre o grupo e seu meio físico social*" –, também era um fenômeno com conexões mais distantes, "*um fait regional avec des implications universelles, donc géographique.*" Para Castro, a sobrecarga demográfica não era uma causa e sim um efeito. Se devêssemos durar bastante, a Terra poderia fazer viver em condições normais aqueles que comportava e mesmo uma quantidade maior. "*É no reconhecimento dos equilíbrios regionais que o geógrafo pode trazer aos responsáveis uma ajuda preciosa*." (Ibidem, p. 199)

Em outro artigo (1958), continuou insistindo no interesse geográfico de *Geopolítica da fome*. A fome era um fenômeno universal com intensidade diferenciada de acordo com os países. Se o pernambucano insistiu nas causas humanas do atraso, também não subestimou a importância dos obstáculos naturais e dos tipos de regimes de alimentação.

> Em suma, o quadro da fome no mundo tem suas modalidades geográficas. As diferenças locais prendem-se ao conjunto dos traços do complexo geográfico, traços naturais e traços humanos. Elas constituem uma descrição do gênero de vida. É por aí que reconhecemos a fome. Mas, há mais. O tratamento geográfico, o qual nos é demonstrado, com bastante exatidão, pelo prof. Josué de Castro, é o que fornece os esclarecimentos mais complexos sobre esse fenômeno. Eles lhes dá sentido pleno, o que não fazem a Sociologia, nem a Economia, nem a História, porque encara o fenômeno no conjunto das condições do meio. (SORRE, 1958, p. 230)

Para este autor, ele tinha avançado na rota "*a que agora parecem ter chegado os geógrafos*."

Abramovay referiu-se a ele como *médico, geógrafo e antropólogo* (ABRAMOVAY, 1991, p.115). Para Andrade, ele "[...] *rompeu com as falsas fronteiras que o positivismo criara entre as várias áreas do conhecimento científico e tornou-se um grande geógrafo, um dos maiores geógrafos brasileiros dos anos 40 e 50*." (ANDRADE, 1995, p. 112). A geógrafa francesa Beajeu-Garnier citou-o, em seu clássico livro, na bibliografia e em dois momentos do texto (1974, p. 150 e 401), mas discordava dele afirmando, já no prefácio, que o mais grave de nossos problemas era a explosão demográfica e seus efeitos sobre a "[...] *necessidade urgente de proporcionar a todos os homens o direito de alimentar-se adequadamente, trabalhar e viver uma vida decente*." (BEAJEU-GARNIER, 1974, p. 16)

As posições de Castro foram encontradas em um livro, publicado em 1974[9], de um médico que também era nacionalista, antineomalthusiano, antiimperialista e que defendia que "[...] *o aumento da população é fator de desenvolvimento em países como o nosso, de grande extensão e subdesenvolvido.* [...] *Se reduzirmos nossa taxa de crescimento permaneceremos pobres durante muito mais tempo*." (PACHECO, 1974, p. 13) Transcreveu as experiências com ratos citadas em *Geopolítica da fome*, acrescentou outras e concluiu que "[...] *as experiências científicas e a prática provam o acerto da concepção de Josué de Castro,*[...]" (Ibidem, p. 97). Concordava também com várias de suas propostas políticas e encerrou o livro com uma homenagem póstuma. Também enalteceu a tese do economista brasileiro (nascido na Áustria) Paul Singer, publicada em 1970, que defendia que, naquele momento, o desenvolvimento necessitava se basear principalmente no mercado interno, na substituição de importações (começando com as de bens de consumo) e que, em determinados casos, era "[...] *bem possível que o crescimento populacional constitua antes um fator positivo que um óbice ao processo*." (SINGER, 1970, p. 19) Singer não defendia que o crescimento demográfico fosse *sempre*

[9] Fez a ele uma homenagem póstuma no final do livro – que já estava no prelo quando ele faleceu (PACHECO, 1974, p. 291-292). Josué de Castro foi citado, de modo positivo, em diversas páginas (p. 94, 95, 96, 97, 98, 136, 137 e 230) e o autor concordava com a maioria de suas posições.

benéfico para o desenvolvimento, mas que a avaliação de seu papel deveria "[...] *ser feita à luz das condições específicas em que cada país se encontra.*" (Ibidem, p. 235)

A simples constatação de um fato não conduz, necessariamente, a soluções adequadas, principalmente quando nestas últimas existem interesses político-econômicos e não humanitários. Demonstrava isto a famosa *Revolução Verde*, sobre a qual inexistiam, praticamente, referências na obra de Josué de Castro, compreensível pelo fato de que seus principais efeitos negativos começarem a aparecer, com maior destaque, na década de 1970. Foi realizada para, através de meios técnicos avançados, diminuir drasticamente a fome no mundo, inclusive pelo temor de que ela

> [...] se tornasse elemento decisivo nas tensões sociais existentes em muitos países, o que poderia ampliar o número de nações sob o regime comunista, [...]. Somava-se a isso o fato de que a indústria química e de insumos apresentava uma capacidade ociosa considerável e tinha interesse em abrir novas oportunidades de negócios. (ROSA, 1998, p. 19).

O princípio norteador era o de que a fome era provocada pela tecnologia agrícola rudimentar dos países pobres, o que resultava em baixa produtividade. A solução, portanto, seria a introdução de técnicas de produção e de métodos de trabalho agrícola dos EUA, que possuíam uma grande produção, graças a estes fatores. A base deste processo foi a introdução de sementes selecionadas, produzidas em laboratório (VAR – Variedades de Alto Rendimento – ou de VAP – Variedades de Alta Produtividade), menosprezando os elementos e os processos naturais que estavam envolvidos nas atividades agrícolas.

Onde ela foi realizada, os resultados relativos ao aumento da produção foram grandes, multiplicando a produção. No entanto, as sementes eram bem menos resistentes a pragas, insetos ou catástrofes naturais, por não possuírem condições genéticas para enfrentar estes inimigos. Sendo assim, com estas sementes, a produtividade do solo e a do trabalho aumentariam, desde que "[...] *façam parte de um pacote tecnológico que inclui máquinas agrícolas, fertilizantes e venenos químicos.*" (ABRAMOVAY, 1991, p. 79) Consequência disto foi a necessidade de importação de tecnologia e de matérias-primas, ampliando a dependência externa; outra, a piora das condições de vida das massas rurais pois estas modificações só foram possíveis através da colocação, pelo poder público, de meios financeiros, e estes chegaram, em sua grande maioria, às mãos dos grandes proprietários, o que provocou concentração fundiária – devido falência dos pequenos produtores –, êxodo rural e inchação urbana[10].

---

[10] Outras consequências: *erosão genética* (diminuição ou extinção de variedades vegetais), intensificação das pragas já existentes e desenvolvimento de novas, eliminação de insetos benéficos, degradação pedológica e hídrica, desmatamento, perda de conhecimentos acumulados pelos agricultores tradicionais etc.

Outra consequência importante foi o fato de a Revolução Verde ter provocado um aumento da produção de cereais e uma diminuição da de leguminosas. “[...] *nos países subdesenvolvidos, aproximadamente, metade das necessidades de proteínas eram supridas pelo consumo de leguminosas, que possuem duas a três vezes mais proteínas que os cereais*.” (ROSA, 1998, p. 29) Houve, portanto, um aumento da produção de alimentos, uma diminuição de sua variedade e uma redução das proteínas disponíveis à população.

Se fossem ouvidos certos conselhos de Josué de Castro, diversos problemas poderiam ter sido evitados. Demonstrou que, ainda que haja uma adequação calórica do regime alimentar, a pessoa estará subalimentada se lhe faltarem os *alimentos protetores* (proteínas, vitaminas e sais minerais), o que é aceito até hoje. Permitiu a inversão das considerações das *causae mortis*, transformando as causas em consequências de uma alimentação deficiente. Entretanto, até hoje, se alguém for procurar, através dos atestados de óbito, quem morre de fome ou de subnutrição, chegará à conclusão de que ninguém morre de fome.

Também os estudos de Geografia Médica, no período, poderiam ser muito úteis a certos grupos para operacionalizar o processo de internacionalização do aparelho reprodutivo.

> Afinal, as doenças, endêmicas ou epidêmicas, dos países da periferia, principalmente tropical, eram muito temidas pelas populações dos países do centro e poderiam desestimular ou inibir a vinda de funcionários graduados e suas famílias para essas regiões. (SOBRAL, 1988, p. 85)

Apesar de que, atualmente, as doenças que repugnam os estrangeiros sejam mais específicas, as causas das mortes na cidade de São Paulo, em 1983, comprovaram conceitos ou situações demonstrados por Castro. A relação entre as causas da mortalidade, e a própria mortalidade infantil, com a renda, eram claras. A elevada mortalidade infantil possuía como uma de suas principais causas as doenças diarréicas; e aumentava a mortalidade infantil à medida que se avançava para a periferia. Óbitos por avitaminoses, anemias e outras deficiências nutricionais também ocorriam na periferia, nos locais com menor renda, ou então, em áreas encortiçadas (SOBRAL, 1988).

Considerações Finais

Superpopulação, reforma agrária, fome, guerra, desarmamento, energia nuclear, poluição, desigualdade social, merenda escolar, salário mínimo, presidência de órgãos públicos brasileiros ligados à alimentação e da FAO, escritor de sucesso, foram temas e

atividades, entre várias, exercidas e/ou estudadas por Josué de Castro. Entretanto, as últimas gerações desconheciam a figura e a obra dele. Em contrapartida, segundo PIRES e SIMÕES (1992, p. 09), "[...] *qualquer adolescente da França e do Canadá deve ter tido a oportunidade de ler alguns de seus escritos, uma vez que seus textos fazem parte do currículo das escolas de 1º e 2º graus desses países*." Quais seriam as razões? Uma delas seria a de que sua obra não foi significativa, inclusive para Medicina, Sociologia e Geografia, o que justificaria a falta de lembrança. Entretanto, como vimos, ela foi de alta significância no período em que viveu. Entre algumas hipóteses que se pode levantar para pensar sobre este fato, estão as seguintes:

- Incomodou muitas pessoas, por apontar causas estruturais da fome, propor soluções que desagradavam as elites políticas e econômicas, e por permanecer até o fim lutando contra as causas da fome. No próprio Nordeste, as elites econômicas evitaram incentivar a lembrança de intelectuais que as criticaram e propuseram medidas para alterar o *status quo*.

- A defesa do território da *geografia tradicional* por parte dos detentores dos critérios do que era ou não esta ciência, os defensores do feudo controlador da definição e do acesso acadêmico dos conhecimentos. O fato de, em alguns momentos históricos, ser suficiente uma geografia descritiva e estatística, poderia explicar a exclusão dos que nela não se encaixavam.

- A repercussão de suas idéias, quando se tornou mais famoso, não foi do tamanho merecido. Uma possibilidade foi o fato de que, na segunda metade da década de 1950, a euforia provocada pelo *nacional-desenvolvimentismo* tenha dificultado. As *imagens* criadas para um novo Brasil, de sucesso em diversas áreas (futebol, basquete, boxe, concurso de misse, tênis, música), não só ofuscaram obras que realçavam nossas mazelas como deveriam ser ignoradas, por darem uma imagem negativa de um país que alçava vôos em direção a um *belo futuro*. No início da década seguinte, a própria situação promoveu uma presença maior, mas localizada mais no Nordeste, de sua luta em prol de uma reforma agrária, através do surgimento, das influências e das análises a respeito das Ligas Camponesas.

- Após 1964, a censura e os meios universitários cuidaram de escondê-lo. Décadas depois, o país era uma das dez maiores economias do mundo, mas a questão da exclusão social permanecia em níveis semelhantes. Os marginalizados continuavam os mesmos (negros e mestiços) que eram acusados, desde o século XIX, de levar o

país à *barbárie*. Não se pregava mais o branqueamento nos livros e nas salas de aula; agora, quem se encarregava disso, em parte, era a publicidade, ao eleger os seus estereótipos de beleza.

- As ciências no Brasil não estudavam de modo adequado o passado que as construiu e preferiam trabalhar com o paradigma dominante, fato, aliás, que as dificultou de avançar mais rapidamente. Muitos docentes ainda partiam do princípio de que deveriam trabalhar com o que era considerado verdade no momento, esquecendo-se de que, no processo educacional, discutir afirmações adversas era mais útil do que a imposição de verdades. Medicina, Sociologia, Geografia e outras, desvalorizaram nos currículos universitários a história da própria ciência no Brasil e/ou não conseguiram trabalhar personalidades multifacetadas, pois seus cursos se caracterizavam pela especialização restritiva e empobrecedora.

- Havia um desapreço dos brasileiros por sua *memória*, descaso decorrente de seu complexo de inferioridade – que os faziam valorizar mais o que é estrangeiro –, de seu baixo nível de escolaridade e do fato de estes assuntos e estas discussões não terem sido trabalhados em salas de aula, por deficiência da formação dos professores.

- Porque ele culpava também a própria ciência e suas técnicas, em razão de servirem mais aos dominadores e por camuflarem seus fracassos na obtenção de melhores condições de vida para as pessoas, ao mesmo tempo em que conseguiam grandes avanços em outras áreas, inclusive a bélica.

- Intelectuais conservadores de direita o omitiam porque não queriam realçar figuras que propuseram mudanças no sistema que defendiam. Intelectuais conservadores de esquerda o segregavam por não ter sido marxista, por não fazer da revolução o meio de mudança e, principalmente, por ele ter buscado soluções através de modificações no interior do próprio sistema capitalista, o mesmo que gerava, segundo ele, a miséria e a pobreza. Nos meios acadêmicos, muitas vezes, tinha-se dificuldade em trabalhar pessoas das quais se discordava ou que não se constituíam em *modismos* de um determinado período.

Foi Josué de Castro um geógrafo? Muitas vezes, sim. Foi demógrafo? Várias vezes. Foi sempre alguns deles? Não. A dúvida referente ao fato de ele ter sido geógrafo ou demógrafo ou sociólogo ou nutrólogo, acaba por se tornar um elogio ao autor. Um especialista em determinado tema que se tem a dificuldade de classificar, pode ser um

fato positivo. Especialista, em geral, parece um termo restritivo, aplicado, muitas vezes, a pessoas que conhecem bem determinado assunto, mas pouco de sua história e de seu significado para as ciências humanas em sua totalidade. Um grande cientista não pertence somente a um segmento científico; é alguém que foi importante para a construção da ciência e de um mundo melhor. Não ser classificado como geógrafo em seu tempo pode significar estar além do segmento dominante e ser o fornecedor do instrumento para superá-lo, para impedir a estagnação, a morte da indagação, o fim da própria ciência. Dissolver os limites das especializações – aqui tomadas no sentido positivista –, romper dogmatismos, constituem caminhos para novas elaborações.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. **O que é fome.** 9ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991(c. Primeiros Passos, 102)

ADAS, Melhem. **Panorama geográfico do Brasil.** 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1985.

_____. **Panorama geográfico do Brasil:** contradições, impasses e desafios sócio-espaciais. 3ª ed. reform. São Paulo: Moderna, 1998.

AGB - Associação de Geógrafos Brasileiros. **Boletim Paulista de Geografia.** São Paulo: AGB - Seção São Paulo, ns. 01-77, 1949-2001.

_____. **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros.** São Paulo, AGB - Nacional, 1945-1962.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Atualidade do pensamento de Josué de Castro*. In: **A questão do território no Brasil.** São Paulo: HUCITEC; Recife: IPESPE, 1995 (c. Geografia: teoria e realidade, 29).

ANNALES DE GÉOGRAPHIE. **Bulletim de Societé de Géographie**. Paris: Armand Colin Editeur, ns. 247-530, 1935-1986.

ANTUNES, Celso. **Uma aldeia em perigo:** um ensaio sobre os grandes problemas geográficos do século XX. 8ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1986 (1ª ed.: 1977).

ASSOCIATION de Géographes Français. **Bibliographie Géografique Internacionale - 1951-1952 - 1953.** Paris: Librarie Armand Colin, 1956.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia da população.** São Paulo: Editora Nacional, 1974 (c. Biblioteca Universitária, s. 2ª – ciências sociais, v. 19) 1ª ed. francesa: 1964.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. **A dimensão populacional na obra de Josué de Castro.** 2004. 430 f: il., gráfs., mapas. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

CASTRO, Josué de. **A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

_____. *Áreas alimentares do Brasil*. **Boletim Geográfico.** Rio de Janeiro: CNG, a. VI, n. 65, agosto de 1948, p. 456-466.

_____. *O espírito geográfico da filosofia moderna*. **Boletim Geográfico.** Rio de Janeiro: CNG, agosto de 1951, p. 545-547.

_____. **Documentário do Nordeste.** São Paulo: Brasiliense, 1957**a**.

_____. **Ensaios de Biologia Social.** São Paulo: Brasiliense, 1957**b**.

_____. **Ensaios de Geografia Humana.** São Paulo: Brasiliense, 1957**c**.

_____. **Geografia da fome.** 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957**d**.

_____. **O livro negro da fome.** São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. **Sete palmos de terra e um caixão:** ensaio sobre o Nordeste, área explosiva. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1967**a**.

_____. **Geopolítica da fome:** ensaios sobre os problemas de alimentação e de população. 8ª ed. rev. ampl. São Paulo: Brasiliense, 1968, 2 v.

_____. *Subdesenvolvimento:* causa primeira de poluição. **O Correio da Unesco.** Ed. brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, a.1, n. 3, março 1973, p. 20-24.

COELHO, Marcos Amorim. **Geografia geral:** o espaço natural e sócio-econômico. 3ª ed. reform. São Paulo: Moderna, 1992 (s. Sinopse)

_____. **Geografia do Brasil**. 4ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996.

COIMBRA, Pedro; TIBÚRCIO, José Arnaldo M. **Geografia: uma análise do espaço geográfico.** São Paulo: Harbra, 1993.

COLESANTI, Marlene Teresinha de Muno. **O ensino de Geografia através do livro didático no período de 1890 a 1971.** 1984. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro.

DAMIANI, Amélia Luísa. **População e geografia**. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 1998 (c. Caminhos da Geografia).

GALLO, Jorge Ivan Hübner. **O mito da explosão demográfica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GOMES, Horieste. *A geografia e suas implicações no subdesenvolvimento do Terceiro Mundo*. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB, n. 59, out. 1982, p. 43-57.

GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. *Divisão regional do Brasil.* **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, a. III, n. 2, abr./jun. 1941, p. 318-373.

GUIMARÃES, Raul Borges. *Saúde urbana:* velho tema, novas questões. **Terra livre.** São Paulo: AGB - Nacional, n. 17, 2º sem. 2.001, p. 155-170.

HÖFLING, Eloisa de Mattos. **O livro didático em estudos sociais**. Campinas: UNICAMP, 1986 (s. Teses)

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: CNG/Fundação IBGE, 1943-1978, ns. 01-259.

_____. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: CNG/Fundação IBGE, 1939-1995, vs. 01-57.

LA BLACHE, Paul Vidal de. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org). **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 37-47.

LIMA SOBRINHO, Antonio Estevam. **Fome, agricultura e política no Brasil:** a chantagem alimentar. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981.

MAGNOLI, Demétrio; ARAÚJO, Regina. **A nova geografia:** *estudos de Geografia do Brasil*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996.

_____. **Geografia: paisagem e território**. 2ª. ed. reform. São Paulo: Moderna, 1997.

MARCHI, Dorival Donizeti. **O pensamento geográfico de Josué de Castro nas décadas de 40 e 50:** a fome e a produção de alimentos. 1998. 66 p. Monografia (conclusão de estágio de especialização em Desenvolvimento Rural). IGCE, UNESP, Rio Claro.

MONTEIRO, Carlos A. de Figueiredo. **A Geografia no Brasil (1934-1977):** avaliação e tendências. São Paulo: USP - Instituto de Geografia, 1980.

MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral e do Brasil***: espaço geográfico e globalização.* São Paulo: Scipione, 1998.

MOREIRA, Igor. **O espaço geográfico***.* 38ª. ed. São Paulo: Ática, 1998.

OLIVA, Teresinha Alves de. **O pensamento geográfico de Manoel Bomfim.** 1998. 189 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro.

PACHECO, Mário Victor de Assis. **Explosão demográfica e crescimento do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974 (s. Estudos sobre o Brasil e a América Latina, v. 18).

PEREIRA, Diamantino A. Correia *et alii*. **Geografia: ciência do espaço:** o espaço mundial. 2º grau. 4ª. ed. São Paulo: Atual, 1993.

_____. **Geografia: ciência do espaço:** o espaço brasileiro. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo, Moderna, 1996.

PEREIRA, José Veríssimo da Costa. *A Geografia no Brasil*. In: AZEVEDO, Fernando (org.). **As ciências no Brasil.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994, 2 v., p. 349-460 (1ª ed.: 1955)

PIRES, M. Idalina da Cruz; SIMÕES, M. Lucília Rodrigues. **Josué de Castro.** -São Paulo: Paulinas, 1992 (c. Homens e Mulheres do Nordeste; s. Os cientistas, 1)

ROCHA, Tadeu. *A geografia moderna em Pernambuco*. **Boletim Paulista de Geografia.** São Paulo: AGB, n.17, jul. de 1954, p.43-51.

ROSA, Antônio Vítor. **Agricultura e meio ambiente.** São Paulo: Atual, 1998 (s. Meio ambiente).

SAMPAIO, José Levi Furtado. **A fome e as duas faces do Estado no Ceará.** 1999. 178f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, Milton, SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral e do Brasil:** *espaço geográfico e globalização*. São Paulo: Scipione, 1998.

SILVA, Jorge Luiz Barcellos da. **Notas introdutórias de um itinerário interpretativo sobre a formação do pensamento geográfico brasileiro.** 1996. 227 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Tânia Elias Magno da. **Josué de Castro para uma poética da fome**. 1998. 596 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo (SP).

SINGER, Paul Israel. **Dinâmica populacional e desenvolvimento** (o papel do crescimento populacional no desenvolvimento econômico). São Paulo: Edições CEBRAP, 1970.

SOBRAL, Helena Ribeiro. *Mapeamento das causas de morte no município de São Paulo:* subsídios a uma geografia médica da cidade. **Boletim Paulista de Geografia.** São Paulo: AGB - seção de São Paulo, n. 66, 1º sem. 1988, p.85-96.

SORRE, Maximilien. *La géographie de l'alimentation.* **Annales de Géographie**. Paris: Librairie Armand Colin, t. LXI, jan/fev. 1952, p. 184-199.

_____. *A fome sem o véu discreto da fantasia.* In: ASCOFAM. **O drama universal da fome.** Rio de Janeiro: ASCOFAM-Secção brasileira, 1958, p. 227-230.

VERRIÈRE, Jacques. **As políticas de população.** São Paulo: DIFEL, 1980.

VESENTINI, José William. **Sociedade e Espaço**. 31ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

****